

O IDEAL DE SERVIR (*)

Carlos Alberto Barata Silva

Não sei como expressar o meu profundo agradecimento pela honra insigne que me acaba de conferir o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, pelas mãos do eminente Ministro **Marcelo Pimentel**, DD. Presidente deste colendo Tribunal Superior do Trabalho, que, por delegação, entrega-me a Láurea. Para mim, o intuito em me conceder esse galardão foi, sem dúvida, o reconhecimento em mim da dignidade, da correção, do trabalho tenaz. Mas estes predicados devem ser o apanágio de todos os profissionais, dos trabalhadores, dos homens deste País, a informar-lhes a personalidade, sem que constituam razão que justifique a distinção que recebo neste momento tão solene para mim. Assim, tenho por fortuna de Deus o gesto do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, brindando-me com tão elevada insígnia, a proclamar relevância a quem não passa de um servidor da nossa Pátria. Por isto, sou-vos grato por essa imensurável honraria, consciente de que em toda a minha vida profissional, no longo decurso de mais de cinquenta anos de andanças, através de Tribunais e em outras atividades anteriores à Magistratura, ou paralelas a esta, nada mais fiz do que cumprir com o meu dever. Para mim, sempre se faz presente a lição de **Rui Barbosa**, que, em rica oratória e espírito reflexivo, disse que o "trabalho é rude, às vezes desabrido, ferrenho, desconversável: não lisonjeia os seus neófitos, não ameniza as suas durezas, não condescende com as nossas debilidades. Mas é preciso encará-lo serenamente. Não conheceis esses corações meigos, francos, donosos, que córtex de árvore enrugada e sombria, oculta aos olhos vulgares? Insisti, familiarizai-vos; e acabareis vendo, afinal, como o sobrececho se desfranze, a aridez se orvalha, o amargo se adoça, e de onde se oirçava de obstáculos e antipatias a crespidão impenetrável, começam a soabrir inesperados favos, a abrolhar surpresas, a destilar mimos, a se tramar sutilmente de liames e carícias inefáveis a rede, que nos enlaça para sempre nas suas malhas. Fêz-se carne da nossa carne: entrou da epiderme ao músculo, do músculo ao nervo, do nervo à medula, ao coração; do tecido pulmonar ao oxigênio do sangue, à célula cerebral, ramificando os fios imperceptíveis de vaso em vaso, entretecendo-os de fibra a fibra, atravessando-os de glóbulo em glóbulo, até se implantar em nós inseparavelmente, como a mais orgânica das nossas necessidades e o mais generalizado elemento da nossa vida. Eis o trabalho como eu o amo, como o sinto, como é mister, para regenerar o homem, para transformar os povos, para criar os moços. O trabalho não é o castigo: é a santificação das criaturas. Tudo o que nasce do trabalho é bom. Tudo o que se amontoa pelo trabalho é justo. Tudo que se assenta no trabalho é

(*) Palavras proferidas pelo Ministro **C. A. Barata Silva**, em agradecimento pela homenagem recebida do Tribunal Superior do Trabalho, em Sessão Plenária de 29.09.88, ocasião em que foi condecorado com a Medalha-Prêmio, pelos 50 anos de relevantes serviços públicos.

útil. Por isto, a riqueza, por isto, o capital, que emanam do trabalho, são como ele, providenciais; como ele, necessários, benfazejos como ele. Mas, já que do capital e da riqueza é manancial o trabalho, ao trabalho cabe a primazia incontestável sobre a riqueza e o capital". Já afirmei alhures: "A verdade é que o trabalho, na concepção moderna, antepondo-se ao entendimento das sociedades antigas e medievais, tem um sentido altamente dignificante. Esta dignificação, aliás, foi realçada por Leão XIII na "Rerum Novarum", quando disse: "O trabalho comum, segundo o testemunho da razão e da filosofia cristã, longe de ser um motivo de vergonha, honra o homem, porque lhe proporciona um meio nobre de prover sua subsistência."

"Sim, o trabalho, além de ser um dos direitos naturais do homem, é um dever pessoal e um dever social. Como direito, a dedução lógica. Tem por fim a conservação da vida. Logo, tem o ser humano direito ao meio de conservar a vida. Devemos, pois, reconhecer o direito ao trabalho, direlto este que radica no próprio direito à vida. Mas, a par de um direito, é o trabalho, também, um dever social. O homem vive em sociedade. A coletividade não dispensa o trabalho para a sua existência. Sem o trabalho dos homens a coletividade não pode subsistir. Logo, o trabalho é uma obrigação que os homens têm perante a própria coletividade. Com efeito, desde o "comerás o pão com o suor do teu rosto", ficou assentada, como norma moral, que perduraria por toda a eternidade o dever que os homens têm de prover, com o trabalho, a sua subsistência. E vemos, então, que no trabalho não intervém somente uma energia físico-orgânica, mas, também, uma força psíquica que valoriza o trabalho economicamente considerado, dando-lhe uma nota altamente espiritual. Sem inteligência que indique que o rumo da atividade humana e sem a vontade que execute essa direção, não há, propriamente, trabalho. É o cunho espiritual do trabalho, exigindo necessariamente o concurso da inteligência e da vontade. É a valorização do trabalho, com vistas à dignificação do homem, permitindo, inclusive, que, ao lado da simples finalidade de conservação da vida — finalidade material à primeira vista, mas espiritual em seu fundo —, o indivíduo execute trabalho econômico, com finalidades que transcendam a vida e o próprio mundo." Há trabalhar com disposição de ânimo para a luta e, antes de tudo, com probidade e devotamento, sem os quais não haverá êxito feliz e duradouro. De muitos dos presentes poderia invocar o testemunho do caminho percorrido, do meu próprio destino, nesta hora tão grata para a minha alma. Fiz de minha vida profissional o prolongamento de minha vida pessoal e do meu lar. Vivi, e ainda vivo, com o mesmo ideal de servir, cheio de fé e esperança, persuadido de que bem vale o empenho, a luta, as cansaças, as desilusões, os percalços e as incompreensões, na porfia diuturna do trabalho, procurando não sentir, com a ajuda de Deus, a carga dos muitos anos que já me pesam sobre os ombros, que tento não deixar encurvarem-se. Não me é fácil, assim, exprimir os sentimentos que vão dentro de mim. Reconhecimento, pela distinção que nunca sonhei alcançar. Embaraço, porque tenho consciência de minhas limitações, do pouco que fiz e do muito que deixei de fazer. Alegria, porque depara-me, agora, nesta solenidade, o ensejo para, de público, expressar quanto penso e sinto sobre a utilidade da vida, como uma prestação de contas, ligados passado e presente. Enfim, para não me alongar, dentre estes sentimen-

tos em conflito, o que mais vivamente me assalta é o da responsabilidade. Responsabilidade, porque recebo a Medalha de que me fizestes possuidor como um estímulo à labuta que continua a cada amanhecer e prossegue até o anoitecer, com a mesma coragem, apesar dos mais de cinqüenta anos de trabalho e quase setenta de idade. É que não me sinto velho, em me sobrando tarefas. Agradeço a V. Exa., Sr. Presidente, ao ilustre Ministro **Wagner Pimenta**, especialmente, pela generosidade de suas palavras, ao douto Subprocurador-Geral, Dr. **Armando de Brito**, ao Dr. **Moacir Belchior**, que falou em nome dos Advogados, e a todos os presentes. Muito obrigado.